

A RENASCENÇA DO NORTE

Sexta-feira, 2 de novembro de 2012 – Domingo, 14 de abril de 2013

Na pequena galeria azul:



Quinten Massys, *Desiderius Erasmus*, 1517

O norte da Europa sofreu mudanças profundas entre os anos de 1450 e 1600. Este período é frequentemente descrito como a Renascença do Norte, correspondendo à revolução ocorrida na Itália, a partir do século XIV, nas áreas das artes e do conhecimento.

A Renascença do Norte da Europa foi, entretanto, fundamentalmente diferente da ocorrida na Itália. Em seu cerne estava o desafio aos ensinamentos da Igreja Católica, iniciado por Martinho Lutero. O debate sobre os dogmas básicos da crença cristã teve um efeito duradouro na arte do Norte da Europa, transformando, em muitos lugares, cenas devocionais e emotivas em assuntos não religiosos, tais como a arte retratista e a mitologia. Conforme a demanda de pinturas era alterada em consequência dessas mudanças, os artistas se deslocavam de uma cidade para outra em busca de trabalho.

A prensa impressora, inventada na Alemanha cerca de 1450, permitiu que textos – e com isso ideias – fossem circulados em grande número. Muitos eruditos adotaram a abordagem dos humanistas italianos, os quais se voltaram para as fontes clássicas a fim de explorar a identidade do homem. Entre eles estava Desiderius Erasmus, cujas publicações sobre idioma e teologia trouxeram-lhe fama em toda a Europa e seu amigo, o advogado, político e pensador, *Sir Thomas More*.

Os artistas da Renascença do Norte responderam a essas mudanças com trabalhos de inventividade, beleza e suprema habilidade técnica, criando alguns dos mais proeminentes trabalhos de arte de seu tempo.

Na grande galeria azul:

ALBRECHT DÜRER



Albrecht Dürer, *Santo Antônio*, 1519

maioria gravuras e xilografuras – os quais podiam ser publicados como impressos múltiplos, circulando suas imagens de forma ampla e relativamente barata. Ele espalhou sua fama assinando seus trabalhos com o distinto monograma AD. Por volta de 1497, Dürer já adquirira sucesso suficiente para empregar um agente para lidar com a venda de seus trabalhos impressos no exterior. Os trabalhos impressos do artista fizeram parte de álbuns de colecionadores, além de terem sido usados como objetos de devoção, pregados nas paredes e comprados por artistas para uso como modelos de seus próprios trabalhos.

Em 1505, Dürer viajou para Veneza para ver a Renascença Italiana pessoalmente. Permaneceu naquela cidade por mais de um ano, fazendo várias pinturas para a comunidade mercante alemã antes de retornar ao seu ateliê, em Nurembergue, o qual lhe serviu como principal base até sua morte, em 1528.

Albrecht Dürer (1471 – 1528) foi o artista de maior influência da Renascença do Norte. Filho de um ourives, abriu um ateliê em sua cidade natal, Nurembergue, em 1494. A partir daí, produziu uma grande variedade de pinturas e trabalhos impressos, de imagens de santos e histórias bíblicas a cenários mitológicos, retratos e cenas da vida contemporânea.

Dürer não foi apenas um artista brilhante, mas também um empreendedor inteligente. Foi o primeiro artista a explorar totalmente o potencial dos trabalhos impressos – na

ARTE NO SAGRADO IMPÉRIO ROMANO



Lucas Cranach, o Velho, *Apolo e Diana*,
c.1526

No século XVI, o Sagrado Império Romano era uma confederação de estados aproximadamente equivalentes à Alemanha, Áustria, Suíça, República Tcheca e Eslovênia atuais. Sob o governo do Imperador Maximiliano I (que regeu de 1493 – 1519), cuja *Carruagem Triunfal* está exibida nos arredores, a arte floresceu.

O sucesso de Dürer, que viveu e trabalhou ao sul do Império, influenciou uma geração de artistas, inclusive Hans Baldung Grien e Hans Schäufelein, a partir de seu ateliê. A cidade suíça da Basileia foi outro centro de produção: Hans Holbein, o Jovem, trabalhou como pintor e ilustrador de livros para o produtor editorial Johannes Froben, enquanto Urs Graf produziu trabalhos impressos e desenhos idiossincráticos, e dirigiu a casa da moeda da cidade.

A Reforma foi sentida mais fortemente no Império. Foi em Wittenberg, sob a proteção de Frederico, o Sábio, que Martim Lutero questionou pela primeira vez as bases da fé estabelecida, lançando um debate em toda a Europa. Na corte de Frederico, Lucas Cranach, o Velho, pintou assuntos

mitológicos e históricos. Os elegantes nus e detalhadas explorações de motivos do panorama nórdico tiveram popularidade suficiente para que seu ateliê produzisse numerosas versões de tais assuntos, como *Lucrecia* e *O julgamento de Paris*.

Na galeria vermelha:

ARTE NOS PAÍSES BAIXOS



Hans Memling, *Retrato de um homem*, c. 1480

Durante a Renascença, os Países Baixos incluíam a Bélgica, Luxemburgo e parte do nordeste da França atuais, além da República Holandesa. Após o casamento de Maximiliano I e Maria de Burgundy, em 1477, esta área foi governada pela família Habsburg. O neto de Maximiliano, Carlos V, herdou os Países Baixos, juntamente com o Sagrado Império Romano e a Espanha, tomando-se, então, o mais poderoso governante da Europa.

Os Países Baixos floresceram como centro comercial nessa época. Bruges era uma cidade particularmente próspera e seu sucesso refletiu-se na presença de muitos ateliês de artistas, incluindo os de Hans Memling e Jan Provoost. Mais tarde, com sua crescente proeminência, Antuérpia tornou-se a base de pintores como Quinten Massys, Jan Gossaert e Joos van Cleve.

Até a Reforma, pinturas devocionais formavam uma parte importante do comércio, variando de grandes peças para ornar altares, como o *Chamado de Mateus*, de Jan Mertens, até pequenos trabalhos concebidos para meditação pessoal, como a *Pietà*, de Gerard David. Retratos também eram muito populares, já que patronos procuravam registrar sua aparência para a posteridade. Em *Os Aparentos*, de Marinus van Reymerswaele, a arte retratista é transformada em caricatura, a fim de escarnecer uma profissão desvirtuada e salientar os riscos da própria abastança que permitiu o florescimento da arte.

A Renascença do Norte também testemunhou um grande aumento na demanda de tapeçarias em toda a Europa, com Bruxelas tomando-se, a partir de cerca de 1480, o mais importante centro de produção. Tapeçarias eram úteis como artefatos domésticos móveis, embora também demonstrassem a riqueza e o poder de seus proprietários através de sua grande escala e materiais ricos.

Na galeria verde:

ARTE NA FRANÇA



| François Clouet, *Maria Stuart*, c.1560-61

Durante a Renascença, a França cobria uma área significativamente menor do que a atual. O país era governado pela poderosa família Valois, rival da família Habsburg, os Sagrados Imperadores Romanos, tanto no norte europeu quanto na península italiana. Após a morte de Henrique II, em 1559, a França foi governada por uma série menores tutelados pela viúva de Henrique, Catarina de Médicis. Durante a regência de Catarina, o país foi fortemente acometido por instabilidade interna, enquanto católicos e protestantes brigavam por supremacia.

Contra esse pano de fundo conflituoso, os reis Valois da França – entusiasmados amantes das artes – ostentavam sua autoridade e poder através de admiráveis exibições de magnificência. A arte retratista floresceu na corte e muitas personalidades seniores encomendaram pinturas de Jean Perréal e Jean e François Clouet. Os Clouets produziram delicadas miniaturas, assim como pinturas de tamanho integral: as aqui exibidas estão entre os retratos miniaturas mais antigos.

Francis I, que governou de 1515 a 1547, foi um patrono ávido de artistas italianos, tendo convidado várias importantes personalidades da Itália, entre eles Leonardo da Vinci, Rosso Fiorentino, Francesco Primaticcio e Nicolò dell'Abate.

HANS HOLBEIN, O JOVEM

Hans Holbein, o Jovem, *Derich Born*, 1533

Hans Holbein (1497/8 – 1543) nasceu no sul da Alemanha. Em 1516, mudou-se para a cidade suíça da Basileia, onde trabalhou como retratista, ilustrador de livros e designer de vitrais. Entre seus empregadores esteve o prolífero produtor editorial Johannes Froben, que encomendou ilustrações para os livros de *Sir Thomas More* e *Desiderius Erasmus*.

Por volta de 1526, mudanças religiosas na Basileia levaram a uma redução na comercialização de arte, o que conduziu Holbein a procurar trabalho em Londres. Consigo o artista trouxera uma apresentação de Erasmus a More, a qual lhe rendeu suas primeiras encomendas na Inglaterra. Exceto por um retorno à Basileia entre 1528 e 1532, Holbein passou o resto de sua vida na Inglaterra. Por volta de 1536, foi indicado ao prestigioso cargo de pintor do rei Henrique VIII.

As pinturas de Holbein e seus desenhos preparatórios revelam muito sobre seus métodos de trabalho. O artista fazia o desenho a giz de seus modelos, frequentemente trabalhando em cima deles e finalizando-os como pinturas a óleo. Os retratos de Henry Guildford e William Reskimer e seus desenhos preparatórios permitem seguir as ideias de Holbein conforme progridem de um para o outro.

Um grupo importante de desenhos e pinturas de Holbein sobrevivem hoje na Coleção Real. Os desenhos pertenceram ao filho de Henrique VIII, Eduardo VI, uma indicação do valor conferido na época aos hábeis e sensíveis retratos feitos pelo artista a partir de seus modelos.